

# PERSPECTIVAS DO PENSAMENTO DE LIBERTAÇÃO NO BRASIL: REFLEXÕES ACERCA DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO

O Pensamento de Libertação no Brasil, acompanha o processo da América Latina, de forma geral. Seja nas discussões sobre a legitimidade ou não da colonização espanhola e portuguesa, na discussão que ficou conhecida como *libertação mental*, do século XIX, ou do período mais conhecido, da reação e resistência intelectual contra as ditaduras militares, nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Têm especial destaque neste período a *Teologia da Libertação*, a *Teoria da Dependência*, depois *Teoria do Sistema Mundo*, na sociologia e a *Pedagogia da Libertação*, sendo o brasileiro Paulo Freire, um de seus principais expoentes. Mas, junto a essas reflexões, a *Psicologia da Libertação*, a *Filosofia da Libertação*, História e Geografia em perspectivas de libertação foram apenas alguns movimentos teóricos que fizeram um “giro descolonizador” e começaram a fazer epistemologias em perspectiva descolonial. O Pensamento de Libertação, em diversas e distintas perspectivas tomam como marco a crítica ao eurocentrismo, ao mesmo tempo que começam a produzir teorias novas, a partir da América Latina. É importante dizer que processos semelhantes ocorrem em África e Ásia.

Com o processo de redemocratização da América Latina, na década de 1980, esforços intelectuais resultaram em alguns países, em práxis de construção de partidos democrático-populares como via de libertação revolucionária. A Teologia da Libertação teve uma grande influência neste processo. Com a Queda do Muro de Berlim, em 1989, houve um processo de descrença e enfraquecimento desses esforços, pois grande parte deles, centravam-se numa perspectiva socialista ao modelo russo. Entretanto, os

que já não acreditavam em processo semelhante, continuaram sua práxis, ainda assim, houve um processo de recessão na década de 1990. Ficou claro que o *socialismo real*, não era um caminho ético de libertação. Tampouco os caminhos tomados por Cuba e Nicarágua, dado suas particularidades históricas, pareciam ser modelos. Ficou claro que não existem modelos e cada país precisaria encontrar seus caminhos, precediam de teorias próprias. Com distintas perspectivas de libertação, no início da década de 2000, despontam lideranças carismáticas forjadas pelos movimentos sociais, claramente: Hugo Chaves na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador, Pepe Mujica no Uruguay, Fernando Lugo no Paraguay, Lula no Brasil.

Mesmo com essa aparente vitória, alguns intelectuais continuaram suas produções, de forma crítica e mantendo a perspectiva de libertação. Após esta primeira década destes governos, apesar de intensa luta por reduções de desigualdades sociais, em cada país, continua, o Pensamento de Libertação, retroalimentando militantes e movimentos sociais, a não se corromperem, mantendo a crítica a qual governo for, muitas vezes, já forjando alternativas outras, mais democráticas, de empoderamento popular e instrumentos de libertação.

É neste contexto, que em 2013, nos dias 04, 05 e 06, celebramos o I Congresso Brasileiro de Filosofia da Libertação: Perspectivas do Pensamento de Libertação no Brasil, com a intenção de reunir, melhor conhecer e mapear pessoas, núcleos de estudos, intelectuais e movimentos sociais que estejam trabalhando em perspectiva de libertação em nosso país. Na organização deste, atuaram Claudenir Módolo, Daniel Pansarelli, Gustavo Romero, Hugo Allan Matos e Thiago Calçado. A Associação de Professores de Filosofia e Filósofos do Estado de São Paulo (APROFFESP) e o Curso de Filosofia da Universidade Metodista de São Paulo estavam representados e auxiliaram na organização e realização desse evento. A APROFFESP, inclusive, realizou seu I Simpósio de Professores de Filosofia do Estado de São Paulo.

Esta edição da Revista Páginas de Filosofia, além de celebrar e registrar o acontecimento, traz a diversidade de reflexões realizadas. Agora, já tendo realizado o segundo e terceiro congresso de filosofia da libertação, vai ficando claro o caráter transdisciplinar e a grande abrangência do pensamento de libertação de forma geral e da filosofia, em particular, sendo que

esta, com sua peculiaridade de diálogo com outras áreas de conhecimento, pode ser o elemento de união entre eles.

Além da entrevista que Bruno Cortinove realiza com o Professor Enrique Dussel, o maior expoente da Filosofia da Libertação na atualidade, que nos honrou com a abertura de nosso congresso, os artigos: “Formação, ensino de Filosofia e Pensamento de Libertação: apontamentos críticos” de Alécio Donizete e Rodrigo de Jesus e “O Ensino de Filosofia como Libertação: uma aproximação ao trabalho dos professores de filosofia do ensino público” de Daniel Pansarelli e Gustavo Romero mostram possibilidades críticas de libertação para a maior ocupação da filosofia no Brasil, que é o ensino de filosofia. Os outros artigos nos presenteiam com a variedade temática do pensamento de libertação na América Latina, como enlace, fizemos questão de mantê-los em castelhano. “Reflexiones sobre la Filosofía de la Liberación y el Pensamiento Propio: construyendo caminos hacia una identidad Latinoamericana” de Bryan Núñez e Emilcen Guapucal de Barranquilla, Colombia, abordam, a partir da filosofia de Enrique Dussel, a importância do pensamento próprio para a constituição de uma identidade latino-americana. O filósofo Júlio Cabrera, da Universidade Nacional de Brasília (UNB) trata do princípio material da ética, dando continuidade a uma discussão filosófica de anos, com Enrique Dussel, seu artigo: “Acerca de la discusión sobre el Principio Material de la Ética”. Por fim, Lutz Keffernstein, nos honrou com a conferência final no congresso e seu artigo: “Torá y Mishpat. La Ley y su espíritu de Liberación”. Encerra esta edição de nossa revista. Espero que goste. Um abraço. Hugo Allan Matos.